REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Jornal do teatro
Em cartaz
Bia Lessa
Guilherme Leme
Herson Capri
Luisa Thiré
Michel Melamed

Betty Goffman em...

Orlando

Mutante e instigante. Homem e mulher. O personagem de Virginia Woolf está de volta ao Rio

ANO VI Nº 62 EXEMPLAR GRATUITO

80 jovens já estão trabalhando como monitores artísticos

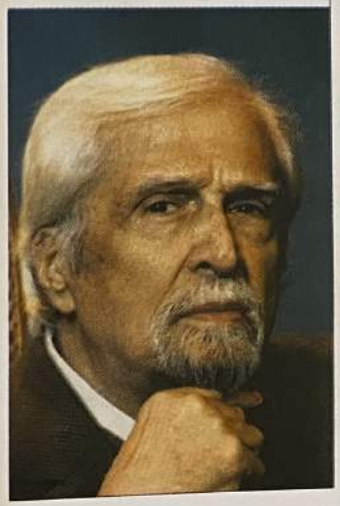
150 continuam se especializando em suas áreas

50 adolescentes de abrigos da Prefeitura iniciaram seus cursos

TALENTOS DA VEZ II

O presente formando o futuro

Uma grande escola



"Nos anos 50, depois de dirigir e atuar em teleteatros paulistas ao lado de Flávio Rangel e Antunes Filho, soube que a TV Tupi do Rio fez uma experiência do *Grande Teatro* com Tônia Carrero, Paulo Autran e Adolfo Celli – mas acharam cansativo e não fariam outra vez. Então me ofereci para assumir o projeto e fazer uma peça por semana. Acharam loucura. Mesmo assim me comprometi e chamei Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Ítalo Rossi, Aldo de Maio e Nathalia Timberg.

Este foi o início do *Grande Teatro* do Rio, um trabalho de equipe feito, sobretudo, com muito amor. Vínhamos no Corujão, chegávamos de manhã ao Rio, ensaiávamos o dia inteiro e fazíamos à noite. De 1956 a 1962 foram mais de 200 peças ao vivo na Tupi. O programa ia ao ar toda segunda-feira, às 10h da noite, e não tinha hora para terminar.

Fernanda Montenegro classifica o *Grande Teatro* como a nossa grande escola. Era uma oportunidade para fazer um teatro de repertório sem a estrutura financeira que os teatros oficiais do Primeiro Mundo oferecem. E tivemos sucessos marcantes, como *À Margem da Vida*, de Tennessee Wiliams, com Fernanda no papel principal.

A partir de 1962 fomos para a TV Rio, e de 1965 a 66, para a Globo. Foram 9 anos e mais de 400 programas em que tivemos chance de contracenar com convidados como Osvaldo Loureiro, Zilka Salaberry, Tereza Rachel, Sérgio Cardoso.

Formamos uma geração de público e de profissionais. Domingos de Oliveira afirma que resolveu escrever para o teatro depois de assistir o programa. Por isso mesmo é um grande prazer este reencontro 50 anos depois, no Teatro Nelson Rodrigues, a partir de 16 de dezembro. Embora Fernanda, Fernando, Ítalo, Nathalia e eu não tenhamos nunca nos separado, é uma oportunidade para contracenarmos mais uma vez e passar esta experiência para os alunos da CAL, que farão leituras de textos conosco."

Sergio Britto, novembro/dezembro de 2004

Regina Duarte no Rio

A atriz acaba de encantar várias cidades de Portugal numa longa temporada do seu espetáculo-solo *Coração Bazar*, uma compilação de textos literários – entre eles, de Adélia Prado e de Carlos Drummond de Andrade. Embora ainda sem teatro definido, ela já confirmou que janeiro será a vez dos cariocas finalmente assistirem a peça. Regina interpreta nada menos que seis personagens diferentes, sob direção de José Possi Neto.

O Fantasma procura...

Após o sucesso de *O Beijo da Mulher Aranha*, *Les Misérables*, *A Bela e a Fera* e *Chicago*, a Cie Brasil prepara a montagem de *O Fantasma da Ópera*. A obra, de Andrew Lloyd Webber, terá produção original, elenco e orquestra brasileiros escolhidos através de testes. Os interessados devem enviar currículo e foto recente para o e-mail cie.musical@terra.com.br. Mais informações pelo telefone (11) 3105-2665, ramais 217 e 228.

Infantis em alta

Quatro infantis chamam atenção em novembro. *Dumbo – O Musical Circense* fica até 19 de dezembro no Teatro do Leblon (sábados e domingos às 17h, a R$ 15). Para pais e filhos à procura de folclore nacional, *Folias de Natal* é uma excelente opção. Em cartaz no Teatro SESI (sábados e domingos 17h, a R$ 10) até o dia 5 de dezembro, com texto baseado em literatura de cordel e 14 músicas inspiradas em brincadeiras populares, a peça é protagonizada pela atriz Pitty Webo e dirigida por Lúcia Coelho. E quem prefere os clássicos, boa pedida é *Quixote*. Com cenografia de Ronald Teixeira, o espetáculo baseado na obra de Miguel de Cervantes encanta pais e filhos que forem conferi-lo no Teatro Villa-Lobos (sábados e domingos, 17h, a R$ 10). Outro sucesso é o musical *A Arca de Noé – Vinicius para Crianças*. Escrito e dirigido por Augusto Thomas Vannucci, o espetáculo está no Teatro Carlos Gomes (sábados e domingos às 16h, R$ 10).

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Millenium. Impressão: Grafitto. Foto de capa: divulgação

Jorginho de Carvalho

Começar de novo

"A luz me deixou mais próximo do trabalho de ator", diz Jorginho de Carvalho.

Comecei no Tablado quando tinha 13 anos, trabalhando no *Cavalinho Azul*, em que fazia um papel pequeno. Todo dia antes do espetáculo, eu somatizava e aparecia doente. Até que a Maria Clara (Machado) e eu descobrimos que eu não podia mais trabalhar como ator. Um ano depois eu me descobri com a luz. E foi com a luz que eu pude estar mais próximo ao trabalho de ator.

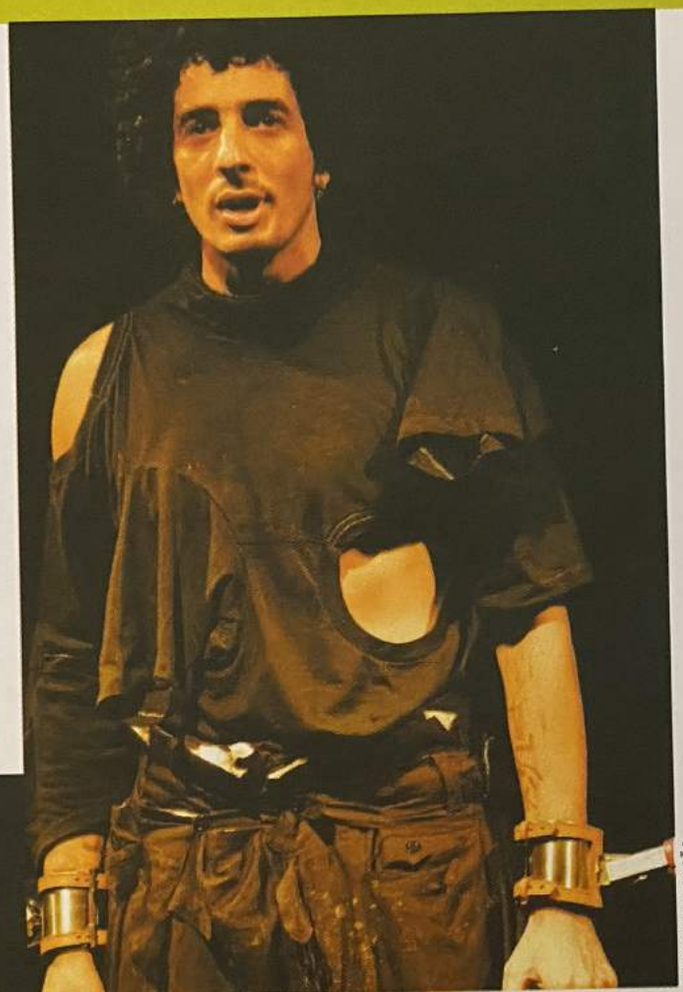
Mas na década de 60 percebi que estava sozinho como iluminador e não tinha diálogo. Logo nos anos 70, senti a necessidade de criar três funções no teatro: eletricista cênico, operador de luz e iluminador. Só assim poderíamos atender melhor à demanda crescente. Nos anos 80 passei a reciclar profissionais do teatro, também para a luz. Até que nos anos 90 resolvi levantar a bandeira para criar iluminação específica para exposições. Foi uma frente que deu tão certo que em 2000 já havia uma concorrência enorme.

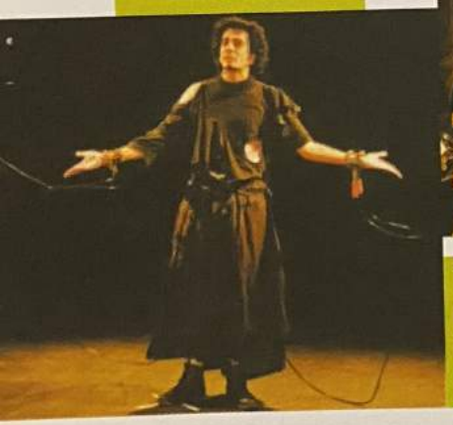
Por conta disso fui para Los Angeles e recebi críticas importantes. Estava no auge quando, ao voltar para o Brasil em 2003, descobri que tinha um câncer. Deu aquela piração, achei que ia morrer. Até que decidi não entrar nessa. Hoje o câncer tem cura. Já estou em processo de recuperação e trabalhando bastante, cheio de planos.

Depois de quase 500 espetáculos em 42 anos de profissão, só mesmo um câncer para me fazer parar e olhar para mim mesmo. Desde então tenho conciliado o trabalho com projetos sociais. Estou em Campo Grande (MS) participando do Projeto Casa do Ensaio e em negociação com a Mangueira para fazer a iluminação do Carnaval. Propus que a escola comprasse o equipamento e deixasse no acervo da escola.

Quero começar 2005 tendo alta médica e trabalhando no Carnaval. Uma ótima forma de voltar à ativa, conciliando o prazer de iluminar novos espetáculos e estar envolvido em atitudes sociais".

REGURGITOFAGIA





FOTOS: DIVULGAÇÃO

Michel Melamed faz última temporada de sua peça-manifesto.

Por Janaina Medeiros

No início, a intenção era mostrar uma obra de arte – e só. Mas as três semanas de temporada no Espaço Sergio Porto, em abril, não foram suficientes para abrigar uma das maiores médias de público do horário alternativo no local. O resto virou história. Michel Melamed mexeu com as estruturas da arte e da interpretação com *Regurgitofagia* – agora na sua (realmente) última temporada no Rio, em cartaz até o dia 12 de dezembro no Teatro Candido Mendes.

Mais que um monólogo, uma peça-manifesto. Inspirado na proposta antropofágica da Semana de Arte Moderna de 1922, de criar uma arte genuinamente brasileira, o artista resolveu questionar até que ponto avançamos ou retrocedemos. Para isso, faz uma catarse de suas opiniões mastigadas sobre sexo, tevê, violência, casamento, literatura, teatro e artes em geral. Sozinho no palco e amarrado a fios de uma interface por ele chamada de *pau-de-arara*, Michel leva choques a cada reação sonora do público.

A indignação

"É como se eu estivesse numa sessão de tortura. A cada choque que recebo acelero minhas falas, como se estivesse confessando", explica Michel, que é autor e ator do espetáculo, além de criador do artefato, que recebeu uma Bolsa RIOARTE no segmento Arte e Tecnologia. "Muitas pessoas saem do espetáculo preocupadas, mas o aparelho foi criado para disparar entre 25 V e 45 V, uma descarga inofensiva", esclarece.

Michel divide a direção com Alessandra Colasanti e Marco Abujamra. Já a produção ele cuida com a Cia. Teatro Químico. Aos 28 anos de idade, o artista pretende instigar o público. "Quero questionar se estamos deglutindo a cultura estrangeira e transformando em algo nacional ou se estamos simplesmente deixando que eles forcem os enlatados goela abaixo".

Misturando poesia e fragmentos de textos autorais a suas teorias filosóficas e artísticas, o multimídia tem também a intenção de mostrar indignação. "Acho que estamos todos meio anestesiados pela realidade. Precisamos voltar a nos indignar. Este é o meu objetivo. Estou sozinho lá no palco, amarrado a fios e levando choques a cada reação da platéia. Com isso quero dizer que estamos todos conectados e estou ali sentindo dores por causa das suas atitudes".

O multimídia

Poeta e autor desde os 14 anos, Michel Melamed é um dos fundadores do projeto CEP 20.000 no Espaço Sergio Porto, mas só descobriu sua vocação para atuar depois de ser convidado por Matheus Nachtergaele para integrar o elenco de Woitzek. Além de estar há sete meses em cartaz com Regurgitofagia, Michel filmou participações em vários curtametragens este ano. E, desde 1999, apresenta o programa Revista Comportamento na TVE. A partir deste mês, comanda outras duas atrações: Babilônia, também na TVE, e Lembranças do Brasil, no canal a cabo GNT.

Dias melhores virão!

Ou como a falta de investimentos públicos e privados afetou a temporada teatral carioca em 2004.

Se 2003 foi o ano das peças de casal, estes últimos 12 meses foram marcados por inúmeras reestréias. Cada vez mais se reclama da falta de apoio ao teatro. Mas até que ponto isto intimidou as produções nos palcos do Rio? E de quem seria a responsabilidade? Da crise financeira? Do descaso à cultura? Da formação de um novo público? Dos poucos espaços na cidade? Não faltam perguntas, apenas soluções. Alguns dos diretores e atores que integraram as principais montagens cariocas em 2004 fazem uma retrospectiva do ano e apontam saídas para a crise teatral.

Responsável pelo breve e impactante sucesso de A *Casa dos Budas Ditosos* de abril a maio, monólogo com Fernanda Torres baseado no livro homônimo de João Ubaldo Ribeiro, o diretor **Domingos de Oliveira** se revela mais cético que nunca. "O governo pensa que teatro é entretenimento. É preciso entender que teatro não é feito para divertir, mas sim para ruir. Quem sabe disso, já nasce sabendo. Quem não sabe...", dispara.

Descaso

Domingos, que ao apagar das luzes de 2004 estréia dia 2 de dezembro um monólogo de sua autoria (*Profissão: Âncora*, no mezanino do Espaço Sesc, com Priscila Rozembaum), não hesita ao falar sobre o descaso de incentivos

FOTOS: DIVULGAÇÃO

ivan sugahara

à classe teatral. "O teatro nunca foi tão desapoiado. Nunca foi tão ignorada a importância dele para a sociedade. O Estado deu um apoio mínimo para o teatro este ano e a Prefeitura está demais centralizada. Não vejo espaço para grupos pequenos se desenvolverem".

Neste ponto, **Ivan Sugahara** discorda de Domingos de Oliveira. Diretor da Cia. Dos Dezequilibrados há oito anos, Ivan vê na ação teatral da Prefeitura do Rio de Janeiro uma alternativa inteligente para pequenos grupos. "Existem três categorias de apoio: uma para companhias com até 5 anos, outra para companhias de 5 a 10 anos e uma terceira para companhias com mais de 10 anos. Essa diferenciação é importante porque não coloca todos no mesmo saco. Foi graças a este apoio que montamos *Dilacerado* este ano", lembra.

"A lei realmente devia ser revista para beneficiar espetáculos de experimentação. Só que isto se arrastou o ano inteiro e, até agora, não se sabe como vai ficar. E o pior: tudo que dependia dela ficou em suspense. Muita gente não conseguiu estrear seus espetáculos. Alguns não conseguiram sequer reestrear. Enfim, 2004 foi um tormento", resume Ivan, que também dirigiu este ano *Notícias Cariocas* no CCBB, com apoio da iniciativa privada.

Sem choro

Com 30 anos de carreira e quase 30 espetáculos no currículo, **Hamilton Vaz Pereira** prefere não perder tempo com elucubrações na hora do aperto. "Quando não tenho dinheiro ou patrocínio, peço emprestado e vou. É uma necessidade artística que tenho. Não gosto de chorar nem reclamar. Fui criado num governo de militares e nunca esperei nada deles. É preciso cobrar apoio, sim. Mas se um diretor quer realmente montar uma peça, ele pode fazer com R$ 10 ou com R$ 100 mil. Comigo sempre foi assim", confessa Hamilton, que monta uma peça por ano, em média.

O diretor **Flavio Marinho** vai ainda além. Para ele, a moda de espetáculos feitos por encenadores nos anos 90 acabou

hamilton vaz pereira

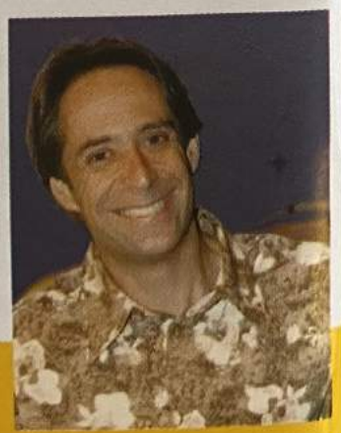
flavio marinho

afastando um novo público dos teatros. "Eram peças com muita música de Phillip Glass, muita gente de preto e muita fumaça. E os cadernos de cultura dos jornais rotularam isso como sendo a vanguarda. Aí o teatro virou sinônimo de coisa chata. Hoje em dia é muito difícil alguém atravessar a cidade para assistir um espetáculo", analisa, adiantando que participa de uma campanha para desmistificar o teatro. "Queremos mostrar que o teatro não é chato, é chique", compara.

Autor e diretor de *Abalou Bangu*, comédia que tem lotado sessões há mais de um ano sem qualquer apoio público ou privado, Flavio acredita serem três os grandes problemas do teatro atual: falta de patrocínio, falta de espaços e dificuldade de formação de elenco. "Há um glamour em torno do cinema que o teatro não tem. Mas é preciso entender que o teatro é a base de tudo. Mas sou otimista e acho que o governo está acordando. O primeiro passo já foi dado quando a Bibi (Ferreira) se encontrou com a (Primeira-Dama) Dona Marisa, que agora é a madrinha do teatro", enfatiza.

Alta qualidade

Segundo Flavio, a falta de patrocínios e de apoio da Lei Rouanet este ano influenciou na quantidade de espetáculos e no modo de produção. Não na qualidade dos textos. "Houve um número menor de espetáculos grandes, não de grandes espetáculos. É o caso do Pedro Cardoso (*Os Ignorantes*) e da Eva Wilma (*Primeira Pessoa*), que estão sozinhos no palco fazendo enorme sucesso", elogia. "Mas foi um ano que não deixou de ter espetáculos de qualidade com elencos maiores. *Cristal Bacharach*, com apoio da Prefeitura, está brilhando. E, *Terça Insana*, uma produção franciscana que não teve um tostão sequer, também está lotando", conclui.



pedro cardoso

Responsável pelo maior fenômeno de público e crítica do ano, *Os Ignorantes*, o ator **Pedro Cardoso** também não se intimidou ao investir recursos próprios para estrear em março no palco do Teatro das Artes. "A vantagem é que não enxergo a TV contra o teatro, como mocinho e bandido. Tenho sonhos na TV, no cinema e no teatro igualmente. E faço questão de usar o dinheiro que ganho na TV para financiar meus projetos no teatro. Tudo é arte. E acaba que uma beneficia a outra", pondera.

eva wilma

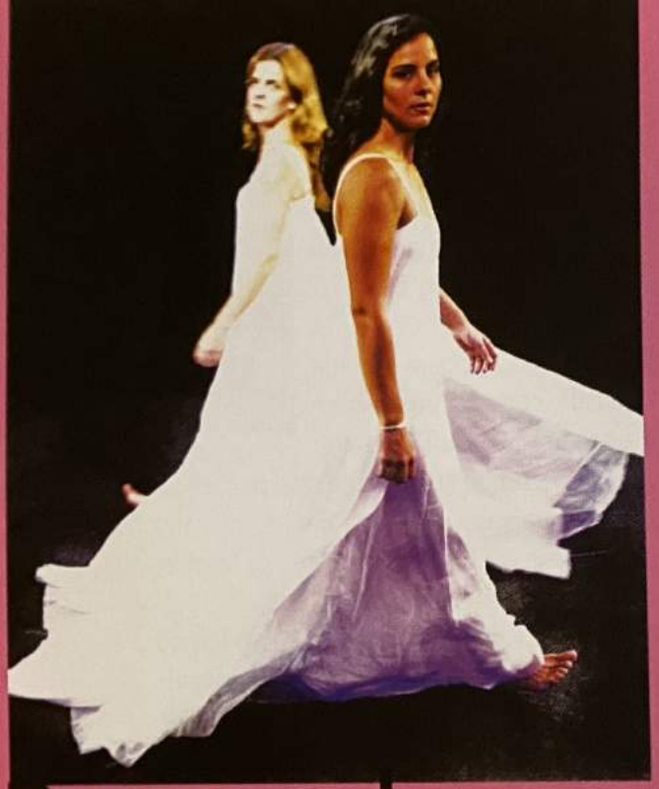
Eva Wilma, outra citada por Flavio Marinho, também enxerga vantagens na popularidade adquirida com os programas televisivos. "Desde o início da minha carreira concilio TV e teatro. E tenho plena consciência que nomes com projeção na mídia atrai público ao teatro. Por isso acho que acaba sendo mais um incentivo para formar um novo público e lotar sessões. Não é com casa vazia que conseguiremos resolver uma crise", concorda, com 50 anos de experiência teatral.

Mais visionária é a diretora **Bia Lessa**, que voltou com tudo em 2004. Tomou a frente do abandonado Teatro Dulcina e desconstruiu o espaço ainda mais para receber sua montagem de *Medéia* entre abril e julho. Em plena falta de espaços diferenciados para espetáculos de médio porte no Rio, foi uma iniciativa muito bem-vinda.

Espaço alternativo

Enquanto não se resolveu o imbróglio da Lei Rouanet e não surgem outros incentivos para investimentos públicos e privados, uma das fundadoras da Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro (APTR), Marieta Severo, está construindo com a também atriz Andréia Beltrão um novo espaço teatral no Rio. Batizado de Casa do Teatro, o espaço em Botafogo deve ser inaugurado em março com 180 lugares.

"Acho fundamental a construção deste espaço em Botafogo. E que isto sirva de inspiração para outros empreendedores, até mesmo fora do eixo da zona sul. Existe um grande público de teatro na zona norte, tanto que as sessões de *Abalou Bangu* têm lotado", alerta Flávio Marinho, que enxerga na criação da APTR uma grande porta de saída para a crise. "Um dos fatos mais marcantes no teatro em 2003 e 2004 foi o surgimento da APTR. E projetos criados por ela, como o *Teatro para Todos*, com descontos nos ingressos entre os dias 25 de novembro e 19 de dezembro, são fundamentais para tornar o teatro cada vez mais acessível".



Mulher busca a própria identidade para sair da depressão, salvar seu casamento e refazer sua vida.

Diário de um matrimônio

Paloma é uma mulher independente que se casa e abdica da sua vida em nome do sucesso profissional do marido. Já ouviu essa história antes? Diferente aqui é solução encontrada pela protagonista para dar a volta por cima. Este é o tema de *Diário de Um Matrimônio*, misto de drama e humor dirigido por Flavio Rocha e Helena Varvaki, em cartaz em horário alternativo no Teatro Candido Mendes.

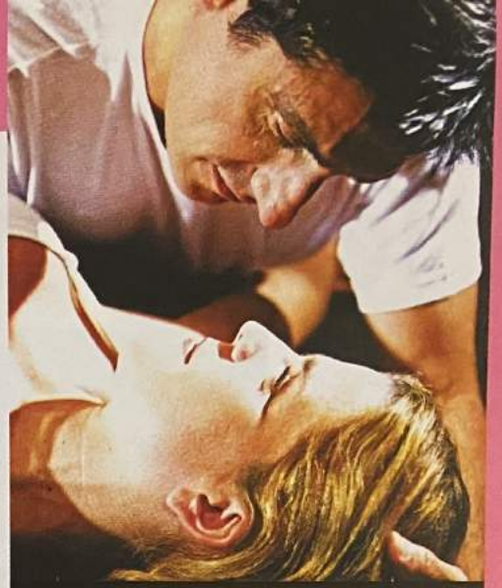
Adaptação do livro homônimo de Claudia Sussekind, aqui assinada por ela e Regiana Antonini, a peça promete provocar a platéia do início ao fim. A personagem principal é dividida por duas atrizes, Luisa Thiré e Mariana Terra – ego e alter-ego de Paloma, respectivamente. "Usamos o mesmo figurino e o mesmo penteado para mostrar que somos uma só. A diferença é que a Luisa interpreta a Paloma real e eu a sua reflexão. Aquela voz que sempre ouvimos para censurar ou discutir uma idéia", explica Mariana, que também interpreta outras duas amigas de Paloma.

A cenografia de Colmar Diniz e Francisco Leocádio, assim como o figurino de Luiza Marcier e Paula Stroher, foram projetados em preto-e-branco, com direito a uma lona branca no chão – representando o diário, onde Paloma escreve. Para contrastar, cores vivas de objetos e adereços e a ousada trilha sonora de Marcos Abujamra, baseada em vozes femininas e ritmos eletrônicos.

Hora da virada

Tudo isso representa a "solidão a dois" em que a protagonista mergulhou, entre quatro paredes, deprimida e dependente do marido. "Acredito que a gente não pode depositar a felicidade no outro. Mas não é preciso ficar sozinho para olhar para si mesmo. Temos só que entender que um casal é 1 + 1 e não um único ser", aponta Luisa, que contracena com o ator Antonio Karnewale (Adriano, marido de Paloma).

"Quando a Paloma descobre que deve ser fiel a ela mesma, aí acontece a virada. Ela começa a olhar para si mesma e até o marido a vê com outros olhos. A peça não tem um *happy end* porque retrata a vida real. Por outro lado, isso é que é bacana. Muitas mulheres saem de lá emocionadas e enxergam que esta é a saída da depressão e o caminho da felicidade com o outro. Acredito muito na família e na relação a dois, mas é preciso manter sua individualidade", diz ela.



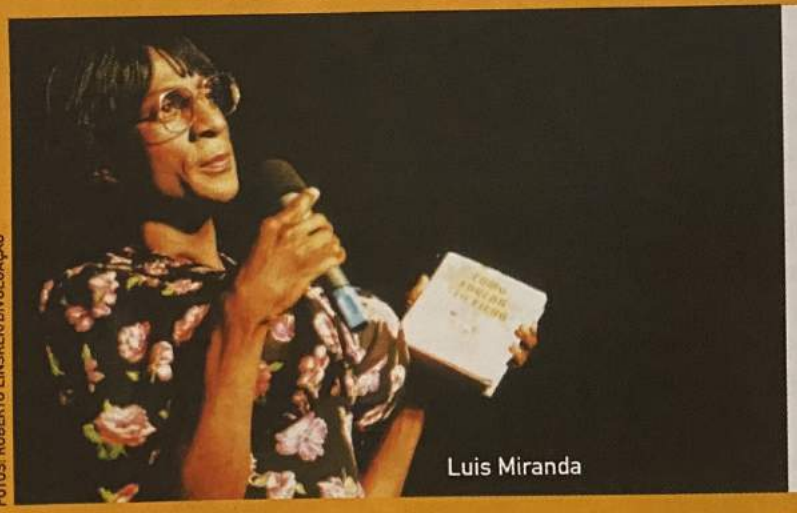
Livro, peça e filme

Foi na noite de lançamento do livro Diário de Um Matrimônio, na Casa de Cultura Laura Alvim em 2001, que a autora Claudia Sussekind teve a idéia de transformar seu romance em dramaturgia. "Fizemos uma leitura com três atrizes e enxerguei o potencial dramático da personagem", lembra. Para esta dolorosa tarefa de mexer num próprio texto seu, Claudia contou com Regiana Antonini. "O primeiro tratamento levou uns dois meses. O mais demorado, claro, foi levantar patrocínio". Mas gostou tanto da experiência que já está escrevendo outra peça.

FOTOS: LEONARDO AVERSA/DIVULGAÇÃO

Terça insana...

Grace Gianoukas



Luis Miranda

FOTOS: ROBERTO LINSKER/DIVULGAÇÃO

... grandes momentos! Sucesso desde 2001, espetáculo de humor traz ao Rio os tipos que fizeram história na temporada paulistana.

Esqueça a última comédia que você assistiu no teatro. *Terça Insana* não se parece com nada que você viu (nem riu) antes. Criado por Grace Gianoukas em São Paulo no final de 2001, com quatro atores no elenco fixo, o pocket-show de humor ganhou o reforço de outros dois atores, além de arrastar mais de 200 mil espectadores e cerca de 250 convidados para improvisos impagáveis. E só agora chegam ao Rio seus melhores momentos, no Teatro do Leblon.

"Em São Paulo tínhamos um tema por semana. Agora o critério foi pegar dois tipos mais marcantes de cada um dos atores e costurá-los com um roteiro, já que no Rio vamos fazer apresentações convencionais", explica Grace, que interpreta uma atriz decadente e uma santa que ajudou Deus na criação do mundo. "Deus virou celebridade e abriu um escritório de marketing. E a Santa Paciência faz santinhos e imagens para manter o business", adianta Grace, também diretora do espetáculo.

Ao seu lado estão Ilana Kaplan, Luis Miranda, Roberto Camargo, Marcelo Mansfield e Octávio Mendes. Um sexteto que chegou para ficar. "Esta primeira temporada deve ser curta, mas estamos batalhando espaço no teatro para continuar e fazer uma segunda parte. Quem sabe até conseguiremos reeditar aqui o formato semanal, com um show inédito por semana, como foi em São Paulo", planeja.

Na galeria de tipos estão um transexual que luta por dignidade, uma freira que roga pragas em quem não ri de suas piadas, uma terapeuta que apresenta um programa *trash* na TV, um guardador de carros que vive bêbado, uma líder comunitária que escreveu o livro "Como Educar Seu Filho na Favela", uma modelo gaúcha de cabelos crespos que sofre para manter a chapinha e uma fumante que defende o cigarro para unir as pessoas – e propõe um grande abraço à Lagoa, transformando o local num grande cinzeiro. Ou seja, um humor politicamente incorreto que, por isso mesmo, encanta.

"Acho que o humor é o modo mais fácil para engolir situações difíceis. É uma grande arma de crítica social. Não gosto de fazer humor óbvio, acho que ele tem sempre de fazer pensar. E há muito tempo queria dividir isso com o público carioca". Nós agradecemos.

Sucesso insano

Terça Insana, apresentado todas as terças-feiras em São Paulo, teve como um grande diferencial o fato do espetáculo nunca se repetir. O elenco de atores-autores preparava esquetes semanais de 5 a 10 minutos cada, com personagens e textos próprios sempre lidando com o lado patético do cotidiano.

ORLANDO

Montagem de Bia Lessa para o texto de Virginia Woolf volta ao Rio 12 anos depois.

Por Janaina Medeiros

Há 12 anos foram somente 45 apresentações no CCBB do Rio. Menos de dois meses, mas o suficiente para abalar as estruturas do teatro. Com Fernanda Torres então à frente do elenco, a montagem de Bia Lessa para *Orlando* viajou o país e conseguiu organizar uma turnê internacional. Já com Betty Gofman como a personagem-título, o espetáculo conquistou público e crítica na Europa e Canadá. Agora a platéia carioca terá mais tempo para se deleitar com a peça no Teatro Dulcina.

Aliás, mais que Orlando, o tempo é o personagem principal. A adaptação de Sergio Sant´anna para o romance de Virgina Woolf dá ênfase à viagem transgressora da protagonista através de quatro séculos. "O texto cai como uma luva neste meu trabalho com o tempo. E trabalhamos em cima de uma adaptação muito generosa, feita por um escritor absolutamente atual", defende Bia.

"Na época em que foi escrito, o texto de um homem que vira mulher e vive 400 anos parecia mais uma fábula. Hoje é extremamente contemporâneo porque somos constantemente forçados a mudar. Somos todos meio camaleões", continua a diretora, que

A autora

Adeline Virginia Stephen nasceu em Londres (Inglaterra), no ano de 1882. Foi escritora e crítica literária britânica, além de principal representante feminina do modernismo na língua inglesa. Seu primeiro romance, The Voyage Out (A Viagem), foi lançado em 1915. Dois anos depois, funda com o marido, Leonard Woolf, a editora Hogarth. Acuada por fortes depressões durante a Segunda Guerra Mundial, Virgina Woolf, autora também de Mrs. Dalloway, suicida-se no Rio Ouse, perto de sua casa de campo em Sussex (Inglaterra), no dia 28 de março de 1941. O afogamento acontece após a conclusão de seu último livro, Entre os Atos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

sintetizou a trama em 1h50m nesta versão. Orlando, o personagem que decretou "eu vou ser eterno", entrou para a história. E Orlando, a versão de Bia Lessa, parece também tomar gosto por desafiar o tempo.

Túnel do tempo

A atriz Betty Gofman só tem motivos de orgulho quando o assunto é *Orlando*. Sua atuação lhe rendeu, em 1993, o prêmio de melhor atriz no Festival *Theater Der Welt*, em Munique, Alemanha. Além disso, o espetáculo foi seu primeiro trabalho com Bia Lessa, uma parceria que rendeu outras seis peças de sucesso. "Eu me sinto muito mais premiada em ter encontrado a Bia. Ela é uma diretora de ator que continua melhorando sempre. É uma grande encenadora, inteligente e poética", elogia.

"Sempre falávamos em retomar *Orlando*, mas só agora deu certo", comenta a protagonista, também empolgada em reviver a experiência com novos parceiros de cena. "É muito legal revisitar um personagem 10 anos depois. Desafio e prazer enormes. Sou outra pessoa. Talvez eu fosse mais irresponsável e ousada na época. Por outro lado, eu não tinha a experiência e maturidade que tenho hoje. Tento ainda ser irreverente e ter aquela liberdade artística de então".

Desta vez, Betty divide a cena com Vanessa Gerbelli, Natalia Lage, Dany Roland, Rodrigo Penna e Guga Coelho. Os cinco atores se revezam em diversos personagens, que acompanham Orlando em sua viagem transgressora pelo tempo.

A saga

A narrativa de Orlando segue a trajetória de um jovem fidalgo que vive na Inglaterra de 1500 e que aporta, após longa jornada pelo tempo, em pleno século 21. Orlando é, então, uma mulher de 36 anos. Neste percurso, o espectador é levado a um profundo mergulho não apenas no universo da literatura, mas também no da filosofia e da psicanálise. Mutante e indefinível, sendo homem e sendo mulher, reinventado a cada momento, Orlando é um grande desafio para os atores.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A CAMINHO DE CASA

Três episódios sobre tolerância acontecem após a explosão de um ônibus numa auto-estrada. Texto: Maurício Arruda Mendonça e Paulo de Moraes. Direção: Paulo de Moraes. Com a Armazém Companhia de Teatro. **Fundição Progresso – Espaço Armazém** (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2524-2324. Quinta a domingo, 20h. R$ 15 (qui.) e R$ 20 (sex. a dom.). Até 19 de dezembro.

A HISTÓRIA DO ZOOLÓGICO

Um editor bem-sucedido e um andarilho se encontram no banco de um parque e começam uma conversa que mudará o destino de suas vidas. Texto: Edward Albee. Direção: Bruce Gomlevsky e Daniela Amorim. Com Bruce Gomlevsky e José Karini. **Espaço Sesc-Copacabana – mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 19h e 21h. Domingo, 20h. R$10.

A IDADE DA AMEIXA

Tragicomédia sobre uma família de oito mulheres que lembram o passado diante da morte iminente da mãe. Texto: Aristides Vargas. Direção: Guilherme Leme. Com Ilvio Amaral e Maurício Cangaçu. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até 5 de dezembro.

AS ARTIMANHAS DE SCAPINO

Dois jovens se apaixonam na ausência dos pais. O criado de um deles, Scapino, cria situações engenhosas para tentar arrancar dos velhos avarentos o dinheiro necessário para fazer triunfar o amor e a juventude. Texto: Molière. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. R$15. Até 11 de dezembro.

AS PEQUENAS RAPOSAS

Saga de uma família burguesa que passa por cima de tudo e de todos para acumular mais riqueza. Texto: Lílian Hellman. Direção: Naum Alves de Souza. Com Beatriz Segall, Sergio Britto, Ednei Giovenazzi, Rogério Fróes, Joana Fomm. **Teatro I do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

ALUGA-SE UM NAMORADO

Mulher solteirona contrata ator para fingir ser seu namorado, só que ele deve convencer à família judia de que também é judeu. Texto: James Schermann. Direção: Carlos Magalhães. Com Fernando Caruso, Viviane Novaes, Mara Manzan. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra). De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$ 20 (qui), R$ 30 (sex. e dom) e R$ 35 (sáb.).

CARTAS AO MEU PAI

Monólogo confessional, inspirado nas cartas que o autor Franz Kafka escreveu para o seu pai, um homem intransigente e dominador. Adaptação e direção: Edu Mansur. Com Hirvinng São Paulo. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695.Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10.

CRISTAL BACHARACH

Comédia musical, com visual retrô e canções de Burt Bacharach, mostra os preparativos para o sexto casamento da matriarca Lara Elle. Texto e direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Totia Meireles, Cristiano Gualda, George Vassilatos e elenco. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 15.

DIÁRIO DE UM MATRIMÔNIO

Mulher casada abdica de sua vida, entra em depressão e começa uma reavaliação para reencontrar sua individualidade. Adaptação: Cláudia Sussekind e Regiana Antonini. Com Luisa Thiré, Mariana Terra e Antonio Karnewale. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. Quinta, 16h30. R$ 15. Até 15 de dezembro.

E AGORA, O QUE EU FAÇO COM O PERNIL?

Marido morre na véspera da Páscoa e mulher dialoga com ele, trazendo à tona boas e más lembranças de 50 anos de casamento. Texto: Regina Helena de Paiva Ramos. Direção: Jacqueline Laurence. Com Rosamaria Murtinho e Cláudio Cavalcanti. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 35 (qui., sex.dom.) e R$ 40 (sáb.).

EU CONTO, VOCÊS CANTAM

Espetáculo solo de Chico Anysio que interage com o público e canta, além de contar passagens bem-humoradas que marcaram sua carreira. Direção musical de Sara Benchimol. Direção geral: André Lucas. **Sala Baden Powell** (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 17h e 20h. R$ 15. Até 5 de dezembro.

GRANDE OTHELO – ÊTA MOLEQUE BAMBA

Biografia musical do ator, compositor, músico, dançarino e diretor que morreu em 1990 aos 78 anos. Texto e roteiro: Douglas Tourinho. Direção e roteiro de André Paes Leme. Com Flavio Bauraqui, Mauricio Tizumba, Vilma Melo. **Teatro**

APLAUSO TEATRO 6 ANOS

SESI (Av. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

O CONTO DO INVERNO

Primeira montagem profissional brasileira da comédia de William Shakespeare que traz *O Tempo* como ingrediente fundamental para que o rei da Sicília recupere o sentido de sua vida, depois de devastá-la com suas ações insanas motivadas pelo ciúme. Texto: William Shakespeare. Direção: Daniel Herz. Com Ana Paula Secco, Anderson Mello. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Quinta, 21h. Domingo, 20. R$15. Até 12 de dezembro.

O JOGO

Tragicomédia contando a história de uma mulher apaixonada pelo seu marido que, tão logo se torna viúva, vive uma experiência inusitada. Texto: Luiz Henriques Neto. Direção: Tina Ferreira. Com Tina Ferreira, Ricardo Graça Mello. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terça e quarta, 21h. R$ 20. Até 1º de dezembro.

O PEQUENO EYOLF

Texto de Henrik Ibsen escrito em 1894, inédito no Brasil, discute a hipocrisia e a responsabilidade nas relações humanas. Direção: Paulo de Moraes. Com Tânia Pires, Samir Murad, Luciana Braga. **Teatro Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.) e R$ 20 (sáb. e dom.).

O PREGOEIRO

Com texto, direção e atuação de Marcio Libar, o espetáculo solo narra seus 18 anos de experiência como artista de rua num texto lírico sobre o nascimento de um palhaço. **Fundição Progresso – Teatro do Anônimo** (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2240-0930. Sex. e sáb., 21h. R$ 15. Até 4 de dezembro.

O QUE DIZ MOLERO

Dois investigadores, através da leitura do relatório escrito por um terceiro, apresentam acontecimentos que construíram a existência de um personagem batizado de Rapaz. Texto: D. Machado. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Felipe Martins, Rachel Iantas. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Quinta e Sexta, 18h. Sábado, 20h. Domingo, 19h. R$30 (qui.), R$35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.). Reestréia dia 25 de novembro.

OS IGNORANTES

Monólogo escrito, dirigido e atuado por Pedro Cardoso contando a história de José de Oliveira, que tendo na infância sobrevivido a uma bala perdida, ao chegar na vida adulta escreve um poema de cordel sobre a ignorância que toda pessoa tem de si mesma. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.). Até 19 de dezembro.

ORLANDO

Montagem, premiada internacionalmente, narra a inusitada saga de um personagem que desafia o tempo e os conceitos sociais durante 400 anos. Texto: Virgina Woolf. Direção: Bia Lessa. Com Betty Gofman, Vanessa Gerbelli. **Teatro Dulcina** (Rua Alcindo Guanabara, 19, Cinelândia). Fone: 2240-4879. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

POR QUE VOCÊ NÃO DISSE QUE ME AMAVA?

Casal que vive isolado e sem amigos começa um embate para tentar salvar a relação. Texto: Vera Karam. Direção: Paulo Betti. Com Cristina Pereira e Rafael Ponzi. **Casa da Gávea – Sala Chiquinho Brandão** (Praça Santos Dummont, 116/sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

PRIMEIRA PESSOA

Espetáculo retrospectivo dos 50 anos de carreira de Eva Wilma, em que a atriz lembra passagens que marcaram sua trajetória no cinema, no teatro e na tevê. Texto: Edla Van Steen. Direção: William Pereira. Com Eva Wilma. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.) e R$ 35 (sex. e dom.). Até 19 de dezembro.

REGURGITOFAGIA

Sons da platéia são captados por microfones e provocam choques no ator, que discursa sobre seu manifesto cultural. Texto e atuação: Michel Melamed. Direção: Marco Abujamra, Alessandra Colassanti e Michel Melamed. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. Até 12 de dezembro.

SINATRA, OLHOS AZUIS

Homenagem musical ao ícone da canção romântica americana. Texto e direção: Cláudio Figueira. Com Maurício Baduh, Neti Szpilman. **Teatro Vanucci** (Rua Marques de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta, 18h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50.

SOPPA DE LETRA

Espetáculo solo de Pedro Paulo Rangel, que interpreta cerca de 70 letras

APLAUSO TEATRO 6 ANOS

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

da MPB, dos anos 30 até hoje. Roteiro: Pedro Paulo Rangel, Antonio de Bonis e Naum Alves de Souza. Direção: Naum Alves de Souza. **Teatro do Leblon** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta e sábado, 21h. Sexta, 17h. Domingo, 20h. R$30 (qui.); R$35 (sex. e dom.) e R$40 (sáb.). Até 19 de dezembro.

SURTO

Esquete cômicos que retratam as loucuras do cotidiano. Texto e atuação: André Moraes, Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. Direção: Cláudio Handrey. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Até 19 de dezembro.

TEM UM PSICANALISTA NA NOSSA CAMA

Mulher em busca de sua identidade suspeita que seu marido a esteja traindo e procura apoio de um psicanalista, sem saber que eles foram colegas de infância. Texto: João Bethencourt. Direção: Rogério Fabiano. Com Elizangela, Roberto Battaglin e João Camargo. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marques de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Sexta e Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

TRA-LA-LÁ

Musical com as chamadas Cantoras do Rádio, apresentando grandes sucessos dos anos 30 a 50. Criação e Narração: Ricardo Cravo Albim. Com Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Márcio Gomes. **Café Teatro de Arena** (R. Siqueira Campos, 143 – 2º piso – Copacabana). Fone: 2235-5348. Sexta, 21h. Sábado e domingo, 18h. R$ 20.

TRINDADE

Em 1909, três homens com três ideologias e três maneiras de enxergar as transformações de um país vivendo um momento de mudança radical... Texto e direção: Caio de Andrade. Com Herson Capri, Guilherme Leme e Pedro Garcia Neto. **Espaço Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 10.

UMA LOIRA NA LUA

Espetáculo que homenageia a comediante americana Lucille Ball, famosa pelo seriado de TV *I Love Lucy*. Texto: Ana Paula Botelho, Marcelo Mello e Mario Hermeto. Direção: Luiz Antonio Rocha. Com Alexandra Richter. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2.603, Barra). Fone: 2439-8002. Sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$ 20. Até 28 de novembro.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Soppa de letra

"Quando ouvimos falar de um espetáculo de música, a primeira sensação é achar que se trata de algo piegas. Mas a peça do Pedro Paulo Rangel é tão boa que foge deste clichê e nos surpreende, revelando que nunca prestamos realmente atenção ao conteúdo das letras."

Cininha de Paula, diretora

Regurgitofagia

"Diferente de tudo. Um espetáculo bastante moderno e atual, interessante para todos que consomem arte nos dias de hoje."

Guilherme Piva, ator

Primeira pessoa

"Muito bonita a idéia de a Eva Wilma fazer uma retrospectiva da sua trajetória. E o resultado ficou muito interessante, colocando o público em contato com textos de importantes autores. Muito prazeroso e informativo."

Julia Lemmertz, atriz

Os ignorantes

"Pedro Cardoso é um artista invejável, completo. Gosto de chamá-lo de Arnaldo Antunes do teatro, ele se dá bem em todas as funções. Admiro bastante pessoas que tenham essa capacidade de idealizar um projeto por completo."

Otávio Muller, ator

TRINDADE

FOTOS: ACYR/DIVULGAÇÃO

Política e paternidade unem três homens com ideologias diferentes.

Por Janaina Medeiros

Três ideologias, três formas de enxergar as mudanças políticas no Brasil de 1909. Esta é a nova proposta de Caio de Andrade (autor de *Geringonça*), autor e diretor do espetáculo *Trindade*, que continua a temporada de sucesso no Espaço Sesc no Centro Cultural dos Correios. "Geralmente tenho um ponto de partida histórico nos meus textos, mas também acabo falando sobre as relações humanas", diz Caio.

No início do século 20, o país atravessou uma crise quando o então presidente Afonso Pena morreu um ano antes do fim de seu mandato. A República ainda dava seus primeiros passos e ficou abalada por três frentes políticas rivais: os militares, comandados pelo marechal Hermes da Fonseca; os civilistas, liderados por Rui Barbosa; e o movimento operariado que crescia com ideologia e força. E é neste contexto que se encontra *Trindade*.

Conflito

O jovem médico Emílio (Pedro Garcia Netto) é um civilista que vai se casar com a filha de um grande industrial e herdar o seu império. Ele cresceu acreditando ser filho do Coronel Pestana (Herson Capri), até o dia em que chega à sua casa o anarquista Tito (Guilherme Leme), revelando ser seu verdadeiro pai.

"Estes personagens antagônicos têm de lidar com a questão da tolerância de uma hora para outra. E, claro, o jovem é quem sai mais modificado disso tudo. Ele estava prestes a se tornar um industrial e começa a enxergar a questão social e política com os olhos do pai socialista", completa Caio de Andrade, que trabalha pela terceira vez com Guilherme Leme. O último trabalho da dupla foi ano passado, *Aurora – Crepúsculo dos Gêmeos*.

Para Herson Capri, que entrou em contato com o universo de Caio pela primeira vez, a experiência tem sido instigante. "É uma novidade fascinante para mim o processo de trabalho do Caio. Ele chega com o argumento e elabora o texto durante os ensaios, de acordo com as nossas reações. Foge de qualquer 'rotina' teatral. Tenho 37 anos de teatro e é renovador ter esse prazer", conta o ator, que tem 25 peças no currículo.

História de sucesso

É a quinta peça adulta de Caio de Andrade, uma das grandes revelações do teatro contemporâneo. Em 2001 ele escreveu e dirigiu Os Olhos Verdes do Ciúme, espetáculo que lhe rendeu o Prêmio Governo do Estado do Rio de Janeiro como melhor autor do ano, além de uma indicação para o Prêmio Shell na mesma categoria. Deserto Iluminado, que esteve em cartaz ano passado no CCBB, recebeu três indicações para o Prêmio Shell (autor, ator, figurino). Agora, com Trindade, Caio completa sua terceira montagem como autor e diretor.

Drama de Edward Albee discute a solidão de dois homens separados pelo abismo social e por uma metrópole.

A história do ZOOLÓGICO

Dois homens, dois mundos e um só sentimento. Não há melhor frase para resumir o mote de *A História do Zoológico*, clássico de Edward Albee escrito em 1959 e revisado recentemente. E é esta nova versão, inédita no Brasil, que está em cartaz no mezanino do Espaço Sesc Copacabana.

Trata-se do encontro de Peter (José Karini), um editor bem-sucedido e de meia-idade, e Jerry (Bruce Gomlevsky), um andarilho excêntrico, enigmático e jovem, no Central Park, em Nova Iorque. Vindo de um passeio no Jardim Zoológico, Jerry aborda Peter, que interrompe sua leitura e começa uma conversa casual que logo se torna séria. Aparentemente inofensiva, a trama expõe as dores de dois opostos sociais e revela um ponto em comum entre ambos – a solidão.

"Tentamos trabalhar fora dos estereótipos, fugindo dos extremos. O rico não é um almofadinha preconceituoso, e o pobre não é um maluco revoltado", esclarece Bruce Gomlevsky, que é ator e produtor da peça, além de dividir com Daniela Amorim a direção. "Justamente para fugir disso é que escolhemos roupas bem despojadas e cotidianas", diz a co-diretora, referindo-se ao figurino de Cao Albuquerque.

O espetáculo acontece em tempo real (uma hora de duração) num único ato e contando apenas com um banco de praça que se integra ao espaço físico do teatro – a própria Rua Domingos Ferreira, ao fundo. "Não havia sentido em criar um espaço urbano falso se ele já estava ali inserido ao mezanino e ao nosso alcance. Aproveitamos para trazer ao palco a metáfora de Albee sobre o zoológico humano, que é a metrópole", justifica Bruce. "A peça acontece em Nova Iorque, mas fala sobre pessoas no Rio ou em qualquer cidade grande".

Seu parceiro de cena, José Karini, concorda. "O Peter representa todos que vivem cegos e alheios à realidade social. Era um homem que vivia isolado no seu mundo cheio de grades e seguranças e é levado ao limite depois deste encontro, assim como o público", adianta o ator, empolgado com o convite. "É desafiador fazer uma conversa em tempo real entre dois estranhos que nunca se viram antes e nunca se verão novamente".

O Zoológico de Albee

Escrita há 45 anos, The Zoo Story é ainda considerada uma das maiores contribuições dramatúrgicas ao Teatro Moderno Mundial, já tendo sido montada em diversos países, além de acumular inúmeros prêmios. Combinando elementos do Teatro do Absurdo e do Teatro Realista, Edward Albee apresenta personagens riquíssimos que lidam com questões sempre atuais. O texto original teve duas montagens de destaque no Brasil – uma em 1976, dirigida por Luiz Carlos Maciel, e outra em 1995. Depois de revisitar a trama para esta atual versão, Edward Albee decidiu também criar uma espécie de continuação. Intitulada de Home Life, estreou no ano passado em Nova Iorque.

Eva Wilma em "Uma mulher e três palhaços", 1954, Teatro de Arena, SP

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral

R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!

Edições de 1 a 61

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, investe na idéia de que promoção cultural é também um instrumento de investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, livros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços para exposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das formas do Brasil descobrir seu som.

OUVIDORIA: 0800 727 1234 - www.infraero.gov.br

INFRAERO
Aeroportos Brasileiros

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS